

“OS DIRECIONAMENTOS DE CHESHIRE”

Programa de orientação profissional

2014

Andrea Thaís Xavier Rodríguez Hurtado
Phillipy Silva Andrade

Acadêmicos do 10º período do Curso de Psicologia
da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – Teresina (PI) Brasil.

E-mail de contato:
fhyl89@hotmail.com

RESUMO

O artigo traz o relato de experiência de dois estagiários da Universidade Estadual do Piauí, do curso de Psicologia e alunos da disciplina de Estágio Supervisionado em Psicologia Educacional/Escolar, cuja prática foi realizada em uma escola da rede privada de ensino da cidade de Teresina-PI. Trazendo uma dentre as diversas atividades realizadas, no caso em questão a temática da Orientação Profissional. O trabalho traz em seu corpo, todo o procedimento das atividades realizadas, que tinha por objetivo: facilitar o processo de escolha profissional de alunos do 3º ano do Ensino Médio e do Pré-Vestibular da instituição em questão. O presente relato discorre sobre os momentos positivos e “negativos” que ocorreram ao longo do processo, onde se relata um grupo que seguiu até o fim com o projeto e obteve uma nova significação aos seus olhares, vivências e autoconhecimento, e outro que não seguiu. Levantando novos olhares a este respeito, significando assim uma gama ampla e expressiva de tirocínios únicos aos estagiários. Como resultados alcançados é afirmativo relatar que a contribuição da estagiária foi plenamente satisfatória ao conseguir realizar todo o processo pré-estabelecido no projeto, concretizando assim o desejo dos adolescentes pelo autoconhecimento, pela percepção e adaptação das influências significativas existentes no processo de escolha, alcançando esta tomada de modo mais consciente e congruente com os sujeitos participantes do projeto. Por outro lado, a não realização total do procedimento estabelecido no projeto do qual o outro estagiário era responsável, o levou a hipóteses a respeito da maturidade dos adolescentes e em como o método, mesmo não aparentando existir falhas, serviu para mostrar de maneira significativa e diferente, duas intervenções com resultados antagônicos em um mesmo ambiente, mostrando que



não se é possível prever todas as ações, apesar das teorias, criação de projetos e planejamentos, provando que o ser humano é complexo e interessante por si só.

Palavras-Chave: Orientação profissional, psicologia escolar, estagiários.

1. INTRODUÇÃO

“Gatinho de Cheshire...”, começou bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim. No entanto ele apenas alargou o sorriso um pouco mais. “Acho que ele gostou”, pensou Alice e continuou: “Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende muito de para onde quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice.

“Então não importará o caminho que escolha”, disse o Gato.

“...contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice resolveu completar.

“Oh, esteja certa que isso ocorrerá”, disse o Gato, “desde que você ande bastante”.

(Conversa entre Alice e o Gato de Cheshire, da obra, Alice no País das Maravilhas, Lewis Carrol, 1865).

O processo de escolha profissional é, sem dúvidas, um verdadeiro quebra-cabeça para muitos, um quebra-cabeça que tem como peças principais o autoconhecimento, a paciência, o interesse, as reflexões, os desejos e as nuances existentes entre tais peças. Trazendo para o “contexto de Cheshire”, escolher uma profissão a seguir é sair da posição em que o jovem se encontra; é, portanto, se mobilizar em determinada direção, mas não se pode esquecer, como profissional, de que o jovem está vivenciando um momento de amadurecimento físico e psíquico de suas responsabilidades e relações, ou seja, sua vida está em amadurecendo, fechando um momento infantil para dar abertura ao adulto.

Em virtude desse complexo momento, o jovem pode assumir suas decisões de forma imediata ao aderir as mais diversas influências, tomando como referência a família, a questão financeira ou a mídia, muitas vezes desconsiderando o conhecimento de suas autênticas potencialidades. Uma escolha realizada dessa forma, desconhecendo seu íntimo, bem como suas aptidões, desejos e sua forma de se construir, vem a ameaçar e interferir de forma negativa suas

futuras realizações pessoais e profissionais. Mas, ao tomar a decisão de que se quer chegar a algum lugar, torna-se necessário ter a certeza que essa foi bem orientada, pois, somente assim, poderá alcançar seus objetivos, mas é preciso que esse esteja preparado, pois a jornada exige motivação, devido à complexidade envolta desta, mas não por essa é menos interessante.

Assim como na narrativa de Alice, onde Cheshire foi o responsável por orientá-la em sua jornada pelo complexo, para não dizer absurdo mundo de seres surrealistas, a Orientação Profissional de forma análoga tem por objetivo nortear o jovem que não consegue ou está em dificuldades de tomar a decisão que melhor se encontra a seu alcance naquele momento de vida, através de processos que favoreçam o autoconhecimento, estabeleça reflexões e que apontem os reais desejos do indivíduo, proporcionando uma escolha pessoal e prudente. Já que este, o jovem, se encontra perdido em um mundo de possibilidades diversas, onde a liberdade ao invés de funcionar como uma aliada, acaba por funcionar como uma ferramenta que proporciona a angústia da escolha pois, escolher para onde se quer ir nunca pareceu tão difícil. Afinal chegar a qualquer lugar exige apenas ir, mas chegar a algum lugar, exige direcionamento, disso, Cheshire e Alice não vos deixa esquecer.

Esse trabalho relata uma experiência do Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar, da Universidade Estadual do Piauí, do primeiro semestre ano de 2014, com objetivo de desenvolver habilidades técnicas e interpessoais relevantes à atuação do psicólogo educacional/escolar, enquanto promotor da melhoria da promoção do processo educativo e sucesso escolar. Onde foram realizados processos de identificação de campo de estágio, debates em sala, observações, pesquisas, elaboração de projeto de intervenção, aplicação e obtenção de resultados.

O artigo aqui construído traz múltiplas vivências singulares desses estagiários em um contexto escolar, a respeito do processo de Orientação Profissional, como foram as experiências e quais foram os resultados, mas sem esquecer as dificuldades e as dúvidas que os perpassaram. Espera-se que esse artigo de relato de experiência sirva para mostrar como é vivenciar alegrias, dúvidas, insatisfações e certezas, tudo isso em prol de sempre buscar fazer o seu melhor, no caso em questão, como estagiários.

2. QUE CAMINHO DEVO TOMAR?

O Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar, da Universidade Estadual do Piauí, é constituído de uma carga horária de 155 horas, 100 horas voltadas para atividades práticas e produção acadêmica e 55 horas para supervisões. As instituições de atuação são escolhidas pelos próprios estagiários, sendo selecionadas, preferencialmente, escolas do município de Teresina-PI, onde em seu quadro de profissionais conste um psicólogo como funcionário efetivo. No caso,

aqui relatado, a instituição escolhida foi uma escola privada, com cerca de 30 anos de trabalho no campo educacional.

No início de suas atividades, os estagiários observaram as salas de aula, biblioteca, banheiros, pátio, dentre várias outras instalações, ou seja, realizaram a identificação da estrutura física do local em seus mínimos detalhes, processo de avaliação este denominado *caracterização*. Ao se mobilizarem e conhecerem o ambiente, automaticamente, quando se é um observador atento, remata por avaliar também a interação dos alunos, funcionários e superiores do local.

Tal *caracterização* permite maior conhecimento a respeito do campo e os profissionais envolvidos no processo; norteando, assim, as intervenções realizadas posteriormente.

Durante este processo foram realizadas conversas com a psicóloga da instituição que se mostraram essenciais para a delimitação do foco no estágio, de forma que a demanda de Orientação Profissional foi exposta como principal, já que alunos e pais solicitavam um projeto que abarcassem suas necessidades acerca da temática.

3. SIM, ME IMPORTA PARA ONDE IR

A Orientação Profissional é uma demanda cada vez mais atual e presente, mas ainda é crucial realizar pesquisas e debates objetivando um resultado final satisfatório com base em um referencial teórico consistente. Para isso, foram realizados debates em sala de aula na universidade durante as supervisões semanais para colaborar na troca de experiências com outros estagiários; já a professora supervisora do estágio foi a responsável para que se pudesse dar um “norte” a se seguir nos momentos de dúvidas dos estagiários.

Os estagiários, aqui relatados, tomaram como base central de seus conhecimentos, pesquisas e os pontos de vista de sua professora supervisora do estágio, que os ajudava a melhor desenvolverem suas metodologias e a alertá-los do que poderia vir a ocorrer dentro desse processo, como ansiedade e desistências por parte de alguns alunos. Os estagiários então buscaram construir um projeto de Orientação Profissional, abrangente, em que acima de tudo obedeceria aos padrões, prazos e horários estabelecidos antecipadamente pelo colégio.

3.1 ADOLESCÊNCIA E ESCOLHA PROFISSIONAL

Geralmente os processos de Orientação Profissional são voltados para o público adolescente em sua maioria, portanto, para melhor compreender as mudanças, as reflexões, aspirações e as influências comportamentais, é essencial ao menos tentar apresentar previamente,

considerando o nível de complexidade, uma definição de adolescência. Então a questão basilar que se coloca é: Como se caracteriza a adolescência?

Segundo Oliveira (2004), a adolescência é um período marcado principalmente pelo desenvolvimento físico do indivíduo, que só foi incorporada às ideologias jurídicas e médicas a partir do século XVII. O adolescente é um ser que se encontra em um momento conflituoso, em que não pode mais ser definido como criança, mas ainda não é um adulto, visto pela sociedade, como um indivíduo indefinido e inseguro, um sujeito que tudo quer, cheio de ansiedades diante das novidades da vida, mas incapaz de ter ou de sentir a necessidade de trazer para si responsabilidades.

Desse modo, ainda na perspectiva de Oliveira (2004, p. 1), é relevante observar que a tendência é

[...] naturalizar o caráter problemático da adolescência, não percebendo que as imagens de irresponsabilidade, intransigência, labilidade emocional, imprevisibilidade, etc., são parte da experiência adolescente apenas em [...] contextos socioeconômicos e culturais privilegiados.

Já que em outros espaços socioculturais, a adolescência é definida por responsabilidade e disciplina. Assim, definir a adolescência e seus aspectos a partir de algo simplista é esquecer os significados culturais e traços socioeconômicos que envolvem o ambiente do jovem, isto é, a sua maneira de ser no mundo, (OLIVEIRA, 2004).

Conforme Knobel (2003), o adolescente passa por três momentos de perdas que são marcantes e importantes para sua vida e desenvolvimento pleno, vivenciados simultaneamente e por cada sujeito de forma muito subjetiva, onde estes têm por função colaborar na tentativa de satisfazer suas dúvidas, suas aflições e de buscar seu autoconhecimento. Que são: **a perda do corpo infantil**, onde o jovem ainda possuindo pensamentos imaturos, observa seu corpo tomar uma nova forma, obrigando-o a refazer as ideias a respeito de seus aspectos físicos na medida em que “perde seu corpo infantil e ganha um novo corpo”; **perda dos pais da infância**, em que os filhos se desligam dos pais e passam a buscar grupos sociais que deem sentido a sua identidade em construção, sendo muito comum nesse período, os pais sofrerem agressões verbais por parte dos filhos e a **perda da identidade e do papel infantil**, já que o adolescente ainda não se definiu como pessoa dentro da sociedade, assim diante da insegurança promovida pelas múltiplas mudanças, o jovem tende a procurar constantemente a segurança dos pais e/ou a de seu grupo, como apoio em suas decisões.

Logo, adolescência é um momento de transformações e ressignificações complexas, podendo ser comparada a um processo de gravidez, em que se constrói um novo indivíduo a partir “do quem” já é preexistente.

[...] O adolescente eu costumo dizer, ele está grávido dele mesmo, ele vai dar a luz a uma nova pessoa e tal como a gravidez não é doença, a adolescência também não é, mas

ela tem distúrbio hormonal, ela tem dificuldade de humor, ela tem incapacidade, às vezes de entender o que está acontecendo [...] (YOUTUBE/CORTELLA, 2009, 6 m 56seg. – 7m 11seg).

Em relação ao processo de escolha profissional do jovem, Rodrigues, Rodrigues e Filho (2014) relatam que esse é um momento em que o adolescente está assumindo a opção de exercer sua maturidade, assumindo uma escolha que é baseada em sua individualidade, experiências e sentimentos, sem se esquecer da realidade do mundo do trabalho, a qual como sujeito está inserido.

Como descrevem Freitas e.al. (2012) o momento de escolher uma profissão a ser seguida é um período reflexivo, que somado ao adolescente que já está passando por uma ocasião de mudanças físicas e psíquicas, tende a sentir este momento como algo tenso, sendo que uma má escolha profissional, muitas vezes incitada pela família, mídia, sociedade ou amigos, pode vir a gerar evasão acadêmica e quando o jovem mesmo insatisfeito com o curso, conclui o ensino superior e se emprega no ramo, tende a desenvolver transtornos frequentes como: depressão, estresse, burnout, queixas psicossomáticas, etc.

Felício e Menin ([s.d.]) ainda colocam que a profissão é uma forma de identidade e como tal, a escola como fonte de informações e conhecimentos, deveria fornecer suporte e espaço para o indivíduo desenvolver sua autonomia e sua capacidade de escolha, além de oferecer segurança, para que o jovem compartilhe seus anseios, na intenção de que futuramente o sujeito se sinta capaz de assumir essa nova parte de sua identificação, mas isto infelizmente é o que menos (ou nunca) ocorre. Lamentavelmente a escola geralmente é um espaço metódico e rígido, onde se prioriza o estabelecimento de informações de conteúdos referentes às disciplinas obrigatórias, deixando de lado a reflexão, o questionamento e a criatividade – dificultando a formação de habilidades e aptidões que podem auxiliar na tomada de decisão vocacional.

Mas o que é Orientação Profissional?

Segundo Rodrigues, Rodrigues e Filho (2014), a Orientação Profissional pode ser definida como um processo que não se limita a informar a respeito das profissões, mas que acima de tudo, busca promover o autoconhecimento do sujeito, assim como seus valores, pontos de interesse, potenciais e motivações, além de suas características pessoais, familiares e sociais. Dentro desse processo acaba por se envolver uma gama de ações por parte do profissional para com o orientado, colaborando assim com o sujeito, dentro do processo, a reconhecer suas seleções ocupacionais mais apropriadas. Portanto, a Orientação Profissional é um conjunto de ações que tem por objetivo colaborar na construção da identidade do sujeito.

Atualmente a Orientação Profissional está bem mais rica, estruturada e variada em suas aplicações, que pode abranger processos de dinâmicas de grupo, entrevistas individuais, bate-papos, palestras, estabelecimento de contato dos jovens com profissionais de vários ramos,

observação direta da atuação do profissional, indicação de leitura de livros, artigos e/ou matérias, cruzamento de informações entre a profissão e o mercado de trabalho, visita a locais de trabalho, trocas de experiências, testes, tomadas de consciência, etc.

Cabendo assim ao psicólogo, como profissional colaborador fundamental nesse processo, como relata Fernandes et.al. (2012), facilitar o processo de escolha para com o indivíduo desorientado em relação ao seu futuro profissional, não se limitando aos testes, mas abrangendo o mundo do orientado, o colocando em contato com sua realidade e com as melhores possibilidades, para que este não apenas se conheça melhor, mas também compreenda o que envolve a profissão desejada. Sendo assim, o psicólogo deve ser um eficiente catalisador e facilitador em um processo extenso e complexo, que deve ser questionado, esclarecido e simplificado para que o orientado tome, por fim, a melhor decisão que está em seu alcance naquele momento de sua vida.

4. HORA DE ANDAR PARA SE CHEGAR A ALGUM LUGAR

Após a construção de um projeto de intervenção, os estagiários se dirigiram às turmas de 3º ano e Pré-Vestibular, estes estavam em posse de dois tipos de materiais, uma lista de inscrição, onde os alunos que quisessem participar do processo assinariam seus nomes e um segundo material onde havia um questionário, com perguntas a respeito do nível de informação e segurança das opções profissionais pré-escolhidas, em que todos os alunos presentes responderam.

Foi realizado esse processo para conhecê-los, estabelecer as perspectivas para o projeto e quantificar o total de alunos interessados em participar do projeto, portanto, materiais básicos para que os estagiários melhor se orientassem neste primeiro momento.

A partir dos 153 questionários aplicados, os dados coletados revelam uma idade média de 17 anos entre os respondentes. Como opção de cursos pretendidos, o curso de Direito foi o mais citado, seguido de Medicina (Gráfico 1).

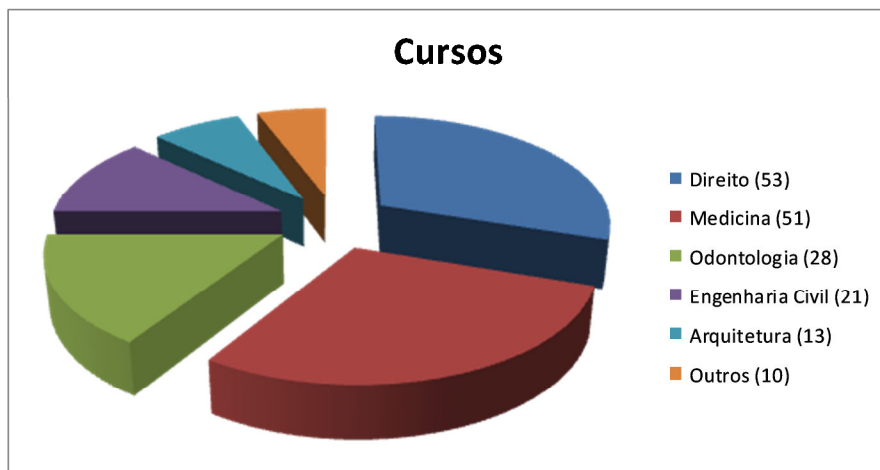


Gráfico 1: Cursos pretendidos pelos alunos do 3º e pré-vestibular.

Em relação ao nível de informações a respeito do curso que pretendem seguir, a maioria encontrava-se razoavelmente informada, outros ainda tinham informações mesmo que baixas ou elevadas em menor percentagem, o percentual de pessoas sem informações embora ínfimas, existia. Acerca da segurança frente sua escolha, há um percentual maior no grau de segurança razoável em detrimento do nível baixo e elevado de segurança – similar às informações encontradas acerca do nível de informação. (Gráfico 2).

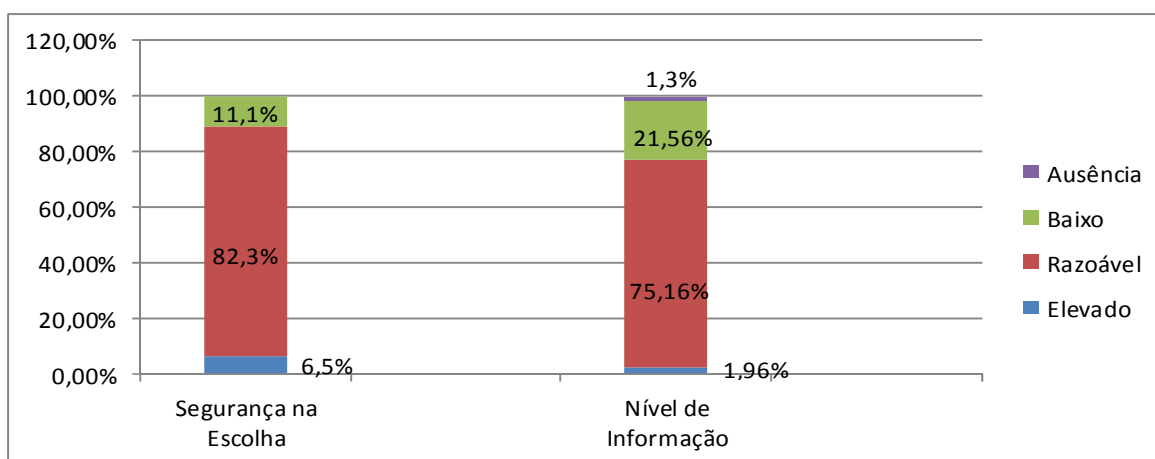


Gráfico 2: Gráfico informativo sobre o nível de segurança na escolha e informação sobre os cursos pretendidos.

A respeito de suas fontes de informação, onde se podia marcar mais de uma opção, os questionários apontaram como principal fonte de informação a internet; em segundo as conversas com estudantes e profissionais da área, seguidas pela televisão, observação direta, revistas, livros,

visitas aos locais de trabalho, palestras, outras fontes e fontes não confiáveis, respectivamente. (Gráfico 3).

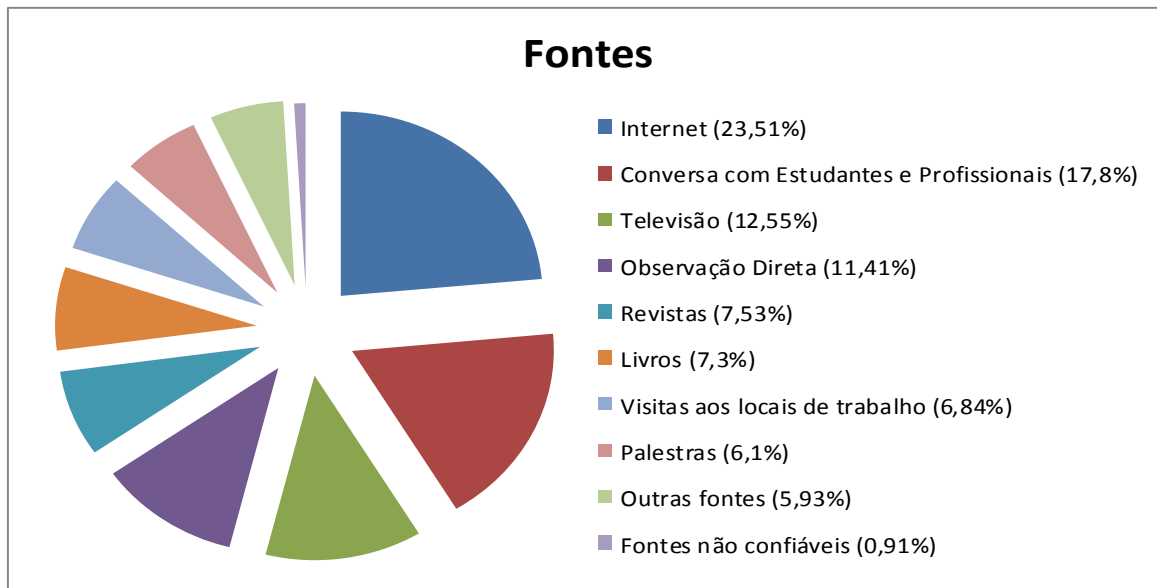


Gráfico 3: Fontes de informações sobre o curso pretendido.

Com isso nota-se que a grande maioria dos alunos não busca cursos diferenciados como técnicos, licenciaturas ou menos tradicionais como primeira opção. Os resultados também apontaram que estes tendem a buscar se informar a respeito de seus cursos pretendidos, mesmo que de maneira superficial, observa-se também que independente da quantidade de informações e dos cursos pretendidos, sempre há um nível de insegurança na maior parte dos alunos.

Também foi percebido que muitos alunos não sabiam o que fazer, visto que em alguns questionários os alunos chegaram a colocar três áreas completamente opostas umas as outras como Moda, Medicina e Direito, outros chegaram a colocar mais de cinco opções completamente diferentes de profissões pretendidas e colocavam-se como bem informados, o que apontava contradições.

Por se tratar de um questionário em que os estudantes tinham total liberdade em responder, não se pode concluir se estes relataram verdades ou aparências, recordando que por se tratarem de adolescentes estes buscam demonstrar muitas vezes uma imagem de auto-suficiência. A lista de inscrição, por sua vez, apontava uma média de 31 alunos interessados em cada 3º ano, inteirando um total de aproximadamente 93 alunos, no Pré-Vestibular foi detectado o menor número de inscritos, cerca de 15 no total.

Como o número de estudantes seria muito alto para se alocar em uma única sala e realizar as atividades pretendidas, foi resolvido dividi-los em quatro grupos, um para cada turma do

Ensino Médio (A, B e C) e uma para o Pré-Vestibular, onde se formaram dois grupos (cada um com duas turmas no mesmo dia, mas em horários diferentes). Desse modo, cada estagiário ficaria responsável por um grupo, conforme sua disponibilidade de dia e horários: o Grupo 1, era formado pelas turmas do 3º ano A e B, em seus respectivos horários para a realização de suas atividades, e o Grupo 2, formado pelas turmas do 3º ano C e Pré-Vestibular, também com seus horários pré-estabelecidos, tendo suas atividades realizadas no dia posterior ao Grupo 1. Todas as atividades de Orientação Profissional aqui descritas, ocorreram em uma sala da própria instituição.

Destaca-se que foram convidados para os bate-papos alunos graduandos e não profissionais, dos três cursos mais pretendidos a serem seguidos pelos estudantes, infelizmente devido à indisponibilidade dos graduandos de Odontologia não foi possível tê-los presentes, por isso deu-se prioridade ao quarto curso mais ambicionado, no caso em questão, o de Engenharia Civil. Além disso, alguns orientandos solicitaram a presença de representantes da Fisioterapia, que assim foi feito.

Para maiores esclarecimentos, a razão de optar-se por graduandos e não por profissionais, é a de que estes estão mais próximos do possível futuro dos participantes do projeto; além disso, estes têm uma visão ampla e atual, tendem a usar uma linguagem menos técnica, o que os aproxima dos alunos; estes estão experienciando o curso em seus mais diversos aspectos; têm uma idade mais compatível com os alunos, e por fim, ambos os lados seriam formados por alunos, favorecendo uma conversa livre e produtiva, sem se prender a jargões ou a um ponto específico da atuação de algum profissional.

4.1 A EXPERIÊNCIA COM O GRUPO 1

Intervenção 1 - Bate-papo, Compromisso e Autoconhecimento:

O Grupo 1 era formado pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio A (com 31 alunos inscritos) e B (com 35 alunos inscritos), respectivamente tinham o horário marcado de 15:40 às 16:40 e 17:00 às 18:00. No entanto, na turma B, apenas nove estudantes compareceram. Já na turma A, apenas sete apareceram para participar do projeto. É relevante expor que os alunos presentes estavam motivados pela ideia da aplicação do teste de Orientação Profissional nesse dia. Assim o primeiro momento envolveu a desmistificação do papel “conclusivo” dessa metodologia e o projeto de intervenção foi apresentado como um processo de autoconhecimento e constante reflexão sobre suas habilidades/ interesses, ressaltando a importância da presença em todos os encontros, além de reafirmar o compromisso com as intervenções e aos demais colegas.

A partir daí, realizou-se uma dinâmica que tinha por objetivo o autoconhecimento, na qual era necessário dividir uma folha em quatro espaços para posteriormente preencher com informações sobre interesses e habilidades, de acordo com os seguintes comandos: *Gosto e faço*; *Gosto e não faço*; *Não gosto e faço* e *Não gosto e não faço*. Após os 20 minutos dedicados à construção das respostas e reflexão, o grupo foi disposto em semicírculo para compartilhar como suas preferências e habilidades podem influenciar na escolha profissional.

Além desse debate acerca dos interesses profissionais, a dificuldade de se perceber os próprios interesses e as habilidades foi relatada por todos os presentes; a maioria atribuiu esse desconhecimento ao ritmo de estudo e aulas como preparação para o vestibular. Para finalizar esse primeiro dia de intervenção, a estagiária incentivou o empoderamento das habilidades e interesses, tal como a importância do autoconhecimento para a tomada de decisões.

Essa iniciativa teve por meta incentivar não somente as aptidões, os interesses e as características da personalidade, mas primordialmente identificar os aspectos pessoais e sua origem dentro do desenvolvimento psicossocial, uma vez que os interesses são mutáveis em resultado do tempo e da experiência. Para realizar a escolha vocacional, é indispensável que o sujeito se veja como um ser singular dotado de história de vida e responsabilidade social (BOCK, 1995).

Intervenção 2 – “Influências em mim”:

No segundo encontro realizou-se uma dinâmica que teve por objetivo trabalhar as influências dentro do processo de escolha profissional e possibilitar a separação dos valores pessoais em relação às influências familiares e sociais.

Sabe-se que a família é o “porto-seguro” de muitos e que é nesta que as pessoas iniciam seus processos de influências comportamentais. Mas, segundo Semensato et al. (2009), é na fase da adolescência que esta família se torna um palco de diversos conflitos entre pais e filhos, posto que muitos pais nessa fase conflituosa e ao mesmo tempo de decisão profissional que envolve o jovem, tendem a buscar sua realização através dos filhos, ou seja, os pais projetam nos filhos a chance de realizar um desejo dos quais não foram capazes de conseguir no passado, já os filhos por sua vez, não se sentem animados com essa colocação.

Luchiari (1996) informa porém que é absolutamente normal os pais colocarem seus desejos e opiniões em relação aos seus filhos, afinal, os pais desenvolvem expectativas em relação ao futuro dos filhos, já que a vontade dos genitores é a de ver a satisfação profissional, econômica e social de seus descendentes.

Filhos de pais que não demonstram nenhum desejo apresentam dificuldades em formular seus próprios, não se sentem importantes nem amados por ninguém, e podem desenvolver um sentimento de inferioridade e abandono. As expectativas dos pais devem deixar um espaço suficiente para que o jovem possa seguir sua escolha, formando sua identidade e tomando consciência de seus próprios desejos com relativa autonomia. (LUCIARI, 1996, p. 83-84).

Ou seja, o desejo por parte dos pais é saudável e importante no processo de escolha profissional; além disso, em seu estudo, Luchiari (1996) percebeu que, independentemente dos pais forçarem ou não os jovens a seguirem determinada ocupação, os adolescentes tendem a tomá-los como exemplos fundamentais e como influência significativa, independente se os pais influenciam explicitamente (de maneira autoritária onde limita a capacidade de escolha do jovem) ou implicitamente (onde os pais pouco colocam e expõem sua opinião de forma clara), buscando seu apoio principalmente nos momentos de maior nível de ansiedade e indecisão. Portanto os pais sempre estão influenciando de alguma maneira seus filhos na escolha profissional.

Rodrigues, Rodrigues e Filho (2014), trazem ainda que neste momento de escolha cabe aos genitores colaborar com o jovem, por meio da busca de informações sobre determinadas profissões que venham a ser de interesse de seus filhos e não censurá-los frente à escolha.

Independentemente de serem alunos brilhantes, estarem na média ou passarem de ano “raspando”; ou de estarem planejando uma carreira tradicional ou não; de serem extrovertidos ou tímidos, ou de estarem mais voltados para os esportes ou para artes. Tudo isso mostra ser o que de fato tem menos valor, o que o jovem precisa saber é que eles vão ser aceitos independente da escolha que optarem nesse momento. (RODRIGUES, RODRIGUES e FILHO, 2014, p. 19).

A respeito das influências sociais, Tardelli (2011), relata que a demanda social leva ao questionamento sobre “o que ele será” e reflexões acerca das satisfações que deverá expor não apenas para si, mas também a coletividade.

Há várias razões psicológicas básicas que explicam a importância da escolha profissional. Todas as pessoas necessitam satisfazer as necessidades de reconhecimento, elogio, aceitação, aprovação, amor e independência. Uma forma de conseguir isso é assumindo uma identidade profissional, transformando-se em “alguém” a quem os demais podem reconhecer e a quem podem conceder satisfação emocional. (TARDELLI, 2011 [s.p.]).

Além disso, Tardelli (2011) também informa que apesar do indivíduo ser influenciado pelos seus exemplos próximos como familiares, amigos e/ou conhecidos, portanto constructos de questões aprendidas em um passado, não necessariamente torna estes arquétipos fatores determinantes. Vale lembrar que o jovem tende a evoluir e agregar constantemente novas visões e ideias, não só o jovem, mas qualquer pessoa plena de suas capacidades físicas e mentais.

Retomando a dinâmica, aponta-se que para melhor a realização desta e para se obter uma maior confiabilidade, as consignas foram dadas de maneira semelhante em ambas as classes, na turma A (com 3 alunas presentes) e B (com 4 alunas) em seus horários pré-estabelecidos; assim, solicitou-se que as participantes deitassem sobre uma folha de papel madeira para que outra colega desenhasse o contorno do corpo na folha. Em seguida, cada uma deveria escrever dentro do contorno de seu papel características que reconheciam como suas e fora, do contorno, predicados que não lhes pertenciam ou não queriam a si, em um período de 10 minutos.

Na turma B, a atividade foi realizada de maneira satisfatória, posto que a discussão e as interpretações a respeito tanto dos desenhos, quanto dos conteúdos (características/ desejos pessoais e a disposição das informações no corpo) corroboraram com o referencial teórico consultado, as influências externas dispunham-se próximas aos ouvidos/ cabeça; já as influências internas se concentravam na região superior do corpo (peitos e abdômen). Outro aspecto interessante a se observar foi a internalização de características e juízos pelas adolescentes, ou seja, expressões como: “sou lesada”, “sou brincalhona” e “sou ciumenta” estavam presentes tanto dentro, como fora do corpo. Por isso, as estudantes destacaram que é conflituoso separar *o que falam de você* de *quem se é de fato*.

Na turma A, a oficina apesar de realizada, sua efetivação foi prejudicada pelo atraso do grupo e a necessidade de encerrar mais cedo para uso da sala por outra turma da instituição. Ainda assim, os temas relacionados às influências externas e as estratégias focais para alcançar os objetivos (passar no vestibular) foram discutidas com base nas características e informações descritas no desenho do corpo, perpassando os objetivos iniciais e incitando novas reflexões. Ademais, as três alunas presentes expuseram suas ansiedades sobre a escolha profissional, muitas vezes motivadas pela alta concorrência dos cursos pretendidos e o receio em desistir “no meio do caminho” (E). Ao finalizar, ambos os grupos foram informados sobre os bate-papos com estudantes de Medicina e Fisioterapia na semana seguinte.

Intervenções 3,4, e 5 - “Os Bate-Papos com os graduandos”:

No terceiro encontro com os grupos, um estudante de Medicina (L., de 22 anos, graduando do 8º período) e uma estudante de Fisioterapia (I., de 20 anos, graduanda do 6º período) foram convidados para conversarem de maneira informal com os alunos do Ensino Médio turmas A e

B, da referida instituição. Havia sete pessoas na turma B e sete pessoas na turma A, todos participantes do projeto de Orientação Profissional e frequentaram pelo menos um dos encontros anteriores. É pertinente destacar que a faixa etária dos universitários facilitou o entrosamento. Os questionamentos trazidos pelos alunos focaram em três pontos principais: (a) dicas de estudo para aprovação no vestibular/ ENEM; (b) a grade curricular e a rotina dos cursos da área da saúde; e, (c) o mercado de trabalho e a rentabilidade de cada curso. Tanto na turma A, quanto na turma B, a discussão superou as expectativas e se prolongaram além dos horários previstos.

No quarto encontro com os grupos, foram convidados dois estudantes de Direito (L.M., 24 anos, recém-formada e L.F., 22 anos, estudante do 9º período) para esclarecer dúvidas sobre este curso. Apenas três alunas da turma B e sete estudantes da turma A estavam presentes, aproximadamente três alunos dessa turma não frequentaram os encontros anteriores; o bate-papo iniciou com a apresentação dos convidados e, posterior, questionamentos dos participantes do grupo de Orientação Profissional sobre quatro tópicos: (a) dicas de preparação para o vestibular/ ENEM; (b) a grade curricular, a rotina dos cursos e as diferenças entre a universidade pública e particular, visto que uma das alunas era de uma universidade pública e outra de particular; (c) o mercado de trabalho e a rentabilidade de cada especialidade dentro do Direito; e, (d) a expectativa para o exame da Ordem dos Advogados. O tempo de discussão foi encerrado dentro do horário previsto na turma B, porém na turma A por questões de indisponibilidade de sala, o bate-papo foi encerrado 10 minutos mais cedo.

No quinto encontro – e último bate-papo – apenas um estudante de Engenharia Civil (A. 21 anos, graduando do 6º período) estava disponível para participar do projeto. Estavam presentes nove alunos da turma B e dez alunos da turma A, destes cerca de 5 alunos não compareceram a nenhum dos encontros anteriores. Em ambas as turmas, as principais questões levantadas foram: (a) dicas de rotina de estudo e preparação para o vestibular/ ENEM; (b) a grade curricular, a rotina dos cursos e o uso da matemática no dia-a-dia das disciplinas acadêmicas; e, (c) as oportunidades de estágios, o mercado de trabalho e a rentabilidade.

Além da força dos estímulos familiares presentes, ressalta-se que não se pode desvincular dos demais, principalmente o midiático e o financeiro, que conduzem a uma decisão, que não deve ser colocada como a única, decisiva ou verdadeira, no que se refere à escolha profissional, mas como elementos de experiência, que quando não colocados de forma adequada, tornam-se fatores negativo no processo de escolha.

Dessa forma, para Silva (2004), a mídia com seu potencial de comunicação e influência direta, deveria hipoteticamente estabelecer um diálogo saudável entre a sociedade a partir de suas informações, no entanto, o modelo capitalista levou a mídia a buscar o IBOPE na intenção de estabelecer lucros a todo modo, não prezando pela qualidade das informações repassadas, acarretando assim na formação de estereótipos em relação à empregabilidade e a realização do ser humano. Geralmente é visto em novelas, revistas e em matérias jornalísticas recorrentes, que



o profissional só encontrará sua realização no dinheiro e em seu alto status social, fatores estes muito comuns no discurso dos adolescentes (dinheiro e status). Além disso, a mídia não preza pela imagem do cooperativismo, mas pelo individualismo e pela competição desnecessária, muitas vezes irracional, o que na realidade é um, dentre os vários, reflexo da influência do capitalismo em sua forma mais voraz.

Em relação à influência das questões financeiras, os autores Freitas et.al. (2012), colocam que, de fato, não é algo que deva ser desconsiderado dentro do processo de escolha profissional, já que é a remuneração financeira que traz a possibilidade de sobrevivência, ressaltando-se que:

(...) não se trata necessariamente de salários altíssimos, e sim compatíveis com a natureza do trabalho desempenhado e capaz de proporcionar ao profissional reconhecimento, sustentabilidade financeira e qualidade de vida. Nem tão baixa a ponto de prejudicar seu sustento (óbvio!) nem tão alta a ponto de se tornar um peso para a empresa e pior: dificultar a recolocação do profissional no mercado de trabalho caso ele queira ou precise trilhar outros caminhos. Vale esclarecer que a remuneração vai além do salário direto, passa por pacotes de benefícios e remuneração variável oferecidos aos profissionais, (FREITAS ET. AL., 2012, p.2).

Tudo isso leva o psicólogo, segundo Silva (2004), a se debruçar sobre essa nova realidade, buscando avaliar, compreender e trabalhar essas novas formas de vida do sujeito.

Por fim, as atividades realizadas foram encerradas dentro do horário previsto e, ao finalizar, foi lembrado que o próximo encontro seria a aplicação do teste, destacando que o resultado obtido não seria definitivo, ou mesmo “salvador” das dúvidas no processo de Orientação Profissional, mas apenas mais uma ferramenta contribuinte no processo como um todo.

Intervenção 6 - “Hora de fechar o ciclo”:

Nesse último momento, foram realizadas as aplicações do teste Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP), como meio de organizar todo o conhecimento desenvolvido ao longo do processo de Orientação Profissional. Na turma B, compareceram 6 alunos para aplicação dos testes; já na turma A, apenas 2 alunos. Após a correção, a devolutiva aconteceu individualmente para melhor *feedback* entre a estagiária e a psicóloga da instituição e os alunos participantes.

Novamente, é crucial ressaltar o caráter complementar dos testes dentro do projeto proposto, evitando que os adolescentes utilizem o resultado do teste para determinar suas escolhas profissionais. Por fim, o fechamento aconteceu através de uma roda de conversa durante o intervalo para discutir a importância do processo para os participantes, apareceram 9 alunos no

total das turmas A e B, que reafirmaram a contribuição do projeto para o autoconhecimento e, conseqüentemente, a decisão de escolher uma profissão mais conivente com seus interesses pessoais.

4.2 A EXPERIÊNCIA COM O GRUPO 2

Intervenção 1 - Bate-papo, Compromisso e Autoconhecimento:

O Grupo 2 era formado pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio, turma C, e do Pré-Vestibular. A primeira turma a ter o processo de intervenção foi a do Pré-Vestibular em virtude da disponibilidade do horário. Dos 15 inscritos totais, apareceram cinco pessoas do sexo feminino para o projeto.

De início se pediu para que fizessem um semicírculo, em seguida o estagiário se apresentou e explicou o projeto para as presentes. Em seguida estabeleceu um compromisso, o de que as pessoas ali presentes tivessem o empenho de não faltar às atividades, posteriormente abriu-se espaço para que as alunas tirassem dúvidas que tivessem naquele momento sobre qualquer assunto que viesse a ser de interesse delas, claro, sendo voltado especialmente ao processo de Orientação Profissional.

Para que a conversa tivesse início, o estagiário trouxe alguns questionamentos como: “*O que é uma profissão?*”, “*O que elas entendiam por ser um bom profissional?*” “*E o que entendiam a respeito da Orientação Profissional?*”. A partir desses questionamentos, o bate-papo inicial decorreu de maneira espontânea e construtiva, mas os questionamentos não provinham a respeito da Orientação Profissional, mas sobre a Psicologia, perguntas como: “*Psicólogo é louco?*”, “*Psicólogo tem tendência a cometer suicídio?*”, “*O que faz um psicólogo?*”, “*O que é Psicologia?*”. Dentre muitas outras, foram a base deste momento, todas as questões foram esclarecidas, exceto aquelas que adentravam em detalhes referentes às correções de testes psicológicos.

As questões anteriores das alunas a respeito da Psicologia mostram o quanto a população ainda desconhece a respeito desta, como relatam Pereira e Neto (2003), a profissão de psicólogo ainda é recente no Brasil, já que esta só foi estabelecida de forma oficial no Brasil em 1962, e que apenas no ano de 1975 foi elaborado o seu primeiro Código de Ética, pontuando ainda que neste período, apenas a população de alta condição financeira tinha acesso ao profissional, já que este se limitava consideravelmente a prática clínica, fato ainda comum nos dias atuais, deixando o profissional da Psicologia distante da maioria da população.



Como traz Borsezi et al. (2006), além de recente, a profissão ainda é envolvida por um mal compartilhamento de informações dentro da sociedade (pessoas e mídia) e por uma má formação profissional em muitas instituições, o que acaba por intensificar negativamente a imagem da Psicologia dentro da sociedade e a falta de conhecimento da população a seu respeito.

As alunas, ao longo deste primeiro momento riam, pareciam muito à vontade e a conversa estava fluída e muito prazerosa a todos, as alunas falavam dos cursos pretendidos, de seus medos e anseios, e do temor de se decepcionarem. Segundo Avila (2009) medos, temores e ansiedades são comuns, mas em certos casos podem vir a gerar em alguns indivíduos distúrbios psicológicos e até mesmo quadros depressivos, normalmente esses fatores que envolvem os alunos, não estão ligados apenas a estes, mas também a seus familiares, pessoas com parentesco tendem a ficar em um estado de ansiedade e temor próximo ao do adolescente, gerando uma nova pressão sobre o estudante. Somado-se isso ao “dever da escolha” e as mudanças psicológicas, fisiológicas e sociais que envolvem a adolescência, fatores aparentemente simples como estes, não podem ser tratados de maneira superficial, mas como elementos que merecem atenção.

O estagiário sempre buscou provocá-las e trazer maneiras de que observassem essas questões por outros ângulos, afinal realizar uma má escolha, é um prejuízo maior a elas acima de tudo. Durante essa conversa também se mostraram claras à influência da família, a importância de dar uma satisfação à sociedade e o quanto estas podem estar ignorando suas potencialidades. Isto era visível em frases como: “*Eu quero fazer psicologia, mas meus pais dizem que isto não dá dinheiro.*” (A1). “*Eu tenho medo de fazer um curso e ver que não é isso que eu queria, sabe? E depois desistir, as pessoas vão me ver como?*” (A2). Como informa Santos (2005), reconhece-se que a família é o grupo inicial que tem como ponto de partida trazer o conceito de mundo, de relacionamento e de caráter ao adolescente, e como tal tem a capacidade de induzir o jovem a certas escolhas, mas também não é o único, afinal como ser humano pleno de suas capacidades físicas e psíquicas, o adolescente está mergulhado em um mundo de múltiplas influências, entrando aqui na sociedade e suas diversas ingerências, que esperam que o jovem, ao fim de seu Ensino Médio, já esteja decidido por uma carreira profissional, que “deverá por obrigação” seguir até o fim de sua vida.

Mas esses processos seriam melhores explorados mais a frente, na próxima dinâmica, na qual se possibilitaria um espaço mais profundo a essas questões.

Em seguida, quando não havia mais dúvidas ou questões, foi realizada uma dinâmica para buscar favorecer o autoconhecimento das participantes presentes. Atividade em que elas dividiram a folha em 4 áreas, e colocaram em cada uma delas: *Gosto e faço; Gosto e não faço; Não gosto e faço e Não gosto e não faço*, cabendo a elas preencherem essas áreas com aquilo que lhes conviessem. Foram dados, aproximadamente, 15 minutos a elas para preencherem as áreas; passado o tempo, relataram um pouco do quanto foi difícil escrever e narrar sobre elas próprias. O estagiário então fala um pouco sobre a dificuldade que as pessoas têm em falar de si mesmas e



coloca: *“Bem, então isso pelo jeito não foi tão fácil quanto parecia. Mas o que podemos tirar disso no final de tudo?”* De forma unânime todas trazem a seguinte afirmação: *“O quanto muitas vezes nós não nos conhecemos”*. Trazendo a tona a importância do autoconhecimento como uma das finalidades básicas no processo de Orientação Profissional, como trazem Martines et.al. (2010) e Becker et.al. (2012), o autoconhecimento é um elemento que manifesta as peculiaridades de cada indivíduo, que tenderão a se refletirem em seus interesses, escolhas, desejos e construção profissional, possibilitando dessa forma, ao ser bem explorado, escolhas positivas que colaborem futuramente no êxito profissional.

Ao fim, a psicóloga da instituição firma mais uma vez o compromisso com as alunas e solicita que estas analisem e reflitam um pouco sobre o que experienciaram naquele dia. Os resultados alcançados deste primeiro momento não apenas foram alcançados de maneira exímia, mas superados. No entanto, apenas uma aluna do 3º ano C compareceu à Orientação Profissional, com um atraso de 45 minutos, o que tornou impossível de realizar o processo naquele momento com esta turma.

4.2.1 O FIM DA EXPERIÊNCIA COM O GRUPO 2

Na semana seguinte a intenção era realizar uma atividade cujo objetivo seria o de trabalhar as influências no processo de escolha profissional, no entanto nenhum dos alunos do Pré-Vestibular ou do 3º ano C compareceu, o que acarretou no atraso do cronograma estabelecido e, portanto, a quebra nos únicos horários disponibilizados pela coordenação. Com o atraso também se prejudicou os “bate-papos” com os alunos graduandos da universidade.

Algumas perguntas começam então a surgir: *“Será se fiz um bom papel?”* *“Onde foi que falhei em minha intervenção?”* É muito comum esses questionamentos quando se vê algo do qual se era responsável falhando severamente, foi então realizada uma conversa com a psicóloga da instituição. Segundo ela, a intervenção realizada anteriormente foi de fato produtiva e exímia em todos os sentidos. Então por que ninguém compareceu? Após realizar uma análise, percebeu-se que o 3º ano C não compareceu no primeiro encontro devido a um jogo de futebol na televisão, o que justifica também não ter ido nenhum aluno do sexo masculino na intervenção do Pré-Vestibular. Na segunda falta, que envolveu a todos do Grupo 2, foi justificada devido ao dia seguinte ser um feriado, os estudantes por sua vez resolveram, sem avisar a ninguém, fazer um “feriadão”. Além disso, muitos alunos são oriundos de cidades do interior e aproveitaram para viajar. Mas a questão levantada foi: O que se pode fazer agora?

Para se ter uma decisão foram realizadas conversas entre os estagiários, a professora supervisora do estágio e a psicóloga da instituição. Após alguns dias, em decorrência dos atrasos e feriados, o que acarretou em um anacronismo de outros elementos, as atividades foram então

canceladas. Não só pela ausência dos alunos, mas pela falta de comprometimento dos mesmos. Visto que este era um processo livre, sem obrigações, mas que mostraria o quanto os alunos estariam comprometidos não com o processo, mas consigo mesmos.

Alguns dias após a decisão e o cancelamento do plano de ação, o estagiário voltou a conversar com a psicóloga da instituição sobre o assunto e foram colocados alguns pontos interessantes. Um desses é de que o 3º ano C era a turma que mais solicitava atividades voltadas para a Orientação Profissional, junto aos pais que frequentemente ligavam também exigindo alguma ação com esta temática, no entanto nenhum desses estudantes parecia ter interesse, quando a atividade foi oferecida, ao se notar a ausência completa da turma.

Ao longo da conversa foram então levantados os seguintes questionamentos: *“Afim, eram os alunos que queriam participar do processo, ou eram os pais que colocavam a obrigação de se realizar o processo? O desejo, portanto, era dos pais ou dos alunos?”*.

Como já mencionado anteriormente, os pais tendem a influenciar significativamente nas escolhas de seus filhos, de forma mais intensa ou mais branda como informa Melo-Silva et. al. (2002), no momento de transição da fase infantil para a adulta, se torna notável a força das emoções expostas, ocorrendo nesse momento uma luta tanto para que ocorra a quebra da relação entre pais e filhos, assim como sua manutenção, estando dessa forma diante de uma dualidade (romper a relação ou manter reforçando-a?). Assim, conclui-se, a preocupação dos pais para com os filhos tem uma explicação psicológica, o grande déficit ocorre, quando os genitores tomam todas as “rédeas” das situações da vida do adolescente que, por sua vez, não é capaz de desenvolver de forma plena sua maturidade.

Sabe-se que a maturidade é envolvida por elementos básicos, como independência e responsabilidade, como coloca Neiva (2003), para que se possa exigir do jovem uma escolha profissional saudável, espera-se dele maturidade, aspecto este, que está envolto pela independência, definida pela não influência cega do jovem seja pela família, sociedade, mídia, amigos, etc., e pela responsabilidade, onde nesta se observa que o adolescente preocupa-se com sua escolha e busca meios para satisfazê-la, se utilizando de todas as ferramentas que lhe são disponíveis.

Provavelmente estes alunos faltantes ainda não tivessem maturidade suficiente para seguir em escolhas próprias neste momento de suas vidas, seja pelo alto nível de dependência seja, pelo baixo nível de responsabilidade, no entanto, não se pode concluir nada em relação a estes, apenas levantar hipóteses, que infelizmente se tornariam irrelevantes.

A intervenção, então, falhou? Não, como relatado nas supervisões pela professora supervisora do estágio, isso tenderia a ocorrer. O episódio também mostra dois lados, um que conseguiu se manter até o fim do processo, Grupo 1, e outro que não conseguiu, Grupo 2, o que

amplia a significação e os pontos de vista em relação às atividades, desenvolvimento e conclusões.

Em relação ao que se tira de conclusão em relação ao Grupo 2 e sua “falha”, através da visão do estagiário, é a de que no início é gerado o processo de sentimento de fracasso, em seguida o processo de análise dos fatos e ao fim a interpretação e a conclusão do que se tem para com esses acontecimentos. Considerações a que se remetem no momento, são a de que se ao lidar com a Psicologia e acima de tudo, com seu objeto de estudo, o homem, tem de se esperar muitos fatores, afinal o ser humano não é óbvio, mas complexo em todos os seus aspectos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, EIS O FIM DE UMA JORNADA

(...) Alice buscou então fazer outra pergunta: “Que tipo de gente vive por aqui?”
“Nesta direção”, disse o Gato abanando a pata direita, “vive um Chapeleiro e nesta”,
disse abanando a outra pata, “vive uma Lebre de Março. Visite qualquer um, ambos
são loucos.”
“Mas eu não quero estar entre gente louca”, Alice observou.
“Oh, mas isso você não pode evitar”, disse o Gato e continuou: “somos todos loucos
aqui. Eu sou louco e você também é louca.”
“Como você pode saber se eu sou louca?!” Pergunta Alice aborrecida.
“Você deve ser”, disse o Gato, “ou não teria vindo aqui.”
(...)

(Conversa entre Alice e o Gato de Cheshire, da obra, Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, 1865).

A grande beleza dessa personagem, o Gato de Cheshire, está em que acima de sua insanidade e seu sorriso devassado, está sua habilidade de provocar, incomodar e, neste caso, abrir possibilidades de novos caminhos para Alice. Cheshire, assim como na Orientação Profissional, não aponta “o caminho”, mas abre alguns. Alice, na narrativa, poderia seguir um dos caminhos apontados, no entanto, poderia ter ido por outro, ou por nenhum. Os alunos na Orientação Profissional, da mesma forma, veem muitos caminhos, maneiras de explorar suas angústias, suas potencialidades, seus desejos e inseguranças, mas cabe a eles a decisão. Assim, a Orientação Profissional é mais do que apontar caminhos, é colaborar na construção de uma identidade individual e social, respeitando as efigies de cada um, construídas em dado momento histórico, sociocultural e econômico.

Como cada experiência, esta foi única aos estagiários, além de enriquecedora e valiosa, espera-se que esta tenha sido da mesma forma sentida pelos alunos que participaram do processo como um todo, quanto aos que apenas iniciaram. Como mostrado, o processo foi experienciado de diversas formas, tanto em seus aspectos completos, quanto incompletos, mas não menos significativos em suas perspectivas mais íntimas por parte dos estagiários. Foi um processo simples, admite-se, mas criativo dentro das possibilidades estipuladas com resultados satisfatórios do ponto de vista de todos os envolvidos.

Durante o processo de execução do projeto, alguns desafios apareceram como o nível de comprometimento de alguns alunos e a presença esporádica de outros, tais eventos foram superados pela presença e cooperação dos demais, fortalecendo os objetivos alcançados por meio do diálogo e efetivação das atividades propostas. Além disso, o estágio permitiu uma ampliação dos pressupostos teóricos no dia a dia do profissional de Psicologia Escolar, permitindo aprofundar essa prática para atuações posteriores ao exigir aptidões e habilidades específicas – flexibilidade, organização e resiliência.

Dessa forma, o estágio traz a importância da realização de um ciclo importantíssimo, o Construir - Desconstruir - Reconstruir, onde, como estagiários, chega-se ao local com devidas visões, sensações, sentimentos e outros, já construídos anteriormente e cabe a ele desconstruí-los, abrir-se como pessoa e então, absorver novas experiências, visões, teorias, sensações (...) e fechar o ciclo absorvendo estes novos elementos e reconstruindo-se como sujeito, mantendo-se construído desta nova maneira, até o momento em que uma nova experiência exigirá que este se desconstrua novamente e reinicie o ciclo.

Como relatado, este foi apenas uma dentre as diversas intervenções realizadas no período da prática de campo em estágio em Psicologia Educacional/Escolar, que dentre estas ainda se envolvem: construção de palestras, intervenções em salas de ensino fundamental e colaboração com a psicóloga em casos mais particulares. O que também conta, e muito, como construções e significações singulares para a aprendizagem e formação desses estagiários como profissionais.

Talvez não se tenha revolucionado nada no final, mas como estagiários, fica a certeza de que uma marca foi deixada, pois esses saem com uma, a de melhorar a cada dia, não apenas como profissionais, mas também como pessoas. Pois o mais interessante no fim, não foi aonde se quis chegar, mas a jornada para se chegar lá.



REFERÊNCIAS

AVILA, D. P. **O processo de escolha profissional vivenciado por estudantes do ensino médio na rede particular de ensino.** Universidade do Vale do Itajaí. Curso de Psicologia: Itajaí, 2009.

BECKER, A. P. S.; BOBATO, S. T.; SCHULZ, M. L. C. **Meu lugar no mundo: Relato de experiência com jovens em orientação profissional.** Revista Brasileira de Orientação Profissional. São Paulo, v.13, n.2, 2012.

BOCK, A. M. B. ET AL. **A escolha profissional.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BORSEZI, C. S. ET AL. **Representação social da psicologia e do psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP – Brasil.** Revista de Psicologia da UNESP, v. 5, n.1, 2006. p. 59-68.

FERNANDES, B.; BRASILINO, C.; FÁVERO, J.; TÚLIO, M. **Influências no processo de orientação profissional.** Psicologia.pt, 2012.

FREITAS, R.; LACERDA, B.; LIMA, P.; JULYANA, F. **A Influência do Dinheiro na Escolha Profissional do Adolescente Vestibulando,** 2012.

KNOBEL M. **Visão psicológica na adolescência normal.** In: COATES, V., BEZDOS, G. W., FRANÇOSO, L. A. Medicina do Adolescente. 2 ed. Sarvier, 2003. p. 39-44.

LUCHIARI, D. H. S. **Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos.** Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 14, n. 20, p 81-92, 1996.

MARTINES, M. A., ROSADA, S. R. T.; LEITE, S. E. S.. **A importância do autoconhecimento no processo de capacitação Profissional.** 8º Simpósio de Ensino de Graduação, Mostra Acadêmica Unimep, 2010.



MELO-SILVA, L. L.; OLIVEIRA, J. C.; COELHO, R. S. **Avaliação da Orientação Profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão.** *Psic* [online]. vol. 3, n.2, 2002. p. 44-53.

NEIVA, K. M. C. **A maturidade para a escolha profissional: uma comparação entre alunos do ensino médio.** *Revista Brasileira de Orientação Profissional.* São Paulo, v. 4, n. 1-2, 2003.

OLIVEIRA, M. C. S. L. **O adolescente como pessoa em desenvolvimento e a contemporaneidade.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2004.

PEREIRA, F. M.; NETO, A. P. **O psicólogo no Brasil: Notas sobre seu processo de profissionalização.** *Psicologia em Estudo, Maringá,* v. 8, n. 2, 2003. p. 19-27.

RODRIGUES, A. C.; RODRIGUES, I.; FILHO, T. E. T. **A Terapia Cognitiva Comportamental com Adolescentes em Busca da Construção do Projeto de Vida, através da Escolha Profissional.** 2014. Disponível em: <<http://www.professorthometavares.com.br/downloads/Artigo%20-%20Adolescencia%20escolha%20profissional%20e%20projeto%20de%20vida.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2014.

SANTOS, L. M. M. **O Papel da Família e dos Pares na Escolha Profissional.** *Psicologia em Estudo: Maringá,* v. 10, n. 1, 2005. p. 57-66.

SEMENSATO, A.C; ET AL. **Um estado qualitativo sobre orientação vocacional e profissional: direções possíveis, desafios necessários.** Umuarama: Akrópolis, v. 17, n. 1, 2009. p. 29-40.

SILVA, J. S. **A influência dos meios de comunicação social na problemática da escolha profissional: o que isso suscita à Psicologia no campo da orientação vocacional/profissional.** *Psicologia: Ciência e profissão,* Brasília, v. 24, n. 4, 2004.



TARDELI, D. D'Aurea. **Orientação Profissional de Adolescentes: O Difícil Momento da Escolha**, 2011. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-02/orientacao-profissional-de-adolescentes-o-dificil-momento-da-escolha#id4>> Acesso em 24 de março de 2014.

YOUTUBE. **Agressões a professores, o que fazer (educador Mário Sérgio Cortella)**. **Jornal Hoje**, 2009. Vídeo (9m17seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S5ENpcGnRKs>>. Acesso em 22 de março de 2014.

